



O Ideário Patrimonial О идеарио

*As Várias Facetas Patrimoniais:
do Abstracto ao Concreto*

ENSAIO SOBRE LETREIROS DISPERSOS

ESSAY ABOUT DISPERSED INSCRIPTIONS

Recebido a 27 de abril de 2022

Revisto a 28 de abril de 2022

Aceite a 30 de abril de 2022

José d'Encarnação

Universidade de Coimbra
Centro de Estudos de Arqueologia, Artes e Ciências do Património
Rua Eça de Queiroz, 89
Pampilheira
P – 2750-662 Cascais
jde@fl.uc.pt

José Carlos Santos

Licenciado em Arqueologia
Av. da Liberdade, 34
P – 3620-373 Moimenta da Beira
turirotas@mail.com

Resumo

Discute-se a oportunidade de dar a conhecer e estudar muitos letreiros que se encontram dispersos, sobretudo em meio rural, porque são susceptíveis de constituir relevantes fontes para a história local e regional, assim como testemunhos de uma atitude mental por parte da população em determinada época.

Palavras-chave: letreiros antigos; epigrafia, etnografia, história local e regional.

Abstract

In this essay suggests the study of many inscriptions dispersed specially on the villages, in a rural context, because they can clarify the local and regional history and the popular mentality.

Keywords: ancient inscriptions; epigraphy; ethnography; local history

1. Esses letreiros dispersos...

Pode dizer-se que abundam letreiros a que habitualmente se não dá atenção, quer porque não há quem por eles se interesse, quer porque, na verdade, a mensagem que neles foi gravada se não compreende agora.

Esse, o duplo papel do epigrafista: descobri-los e procurar decifrá-los. Tarefa que não lhe incumbe sozinho; importa, por isso, a publicação do que se encontra, mesmo que o enigma se mantenha encoberto. Mostrar, por exemplo, que o parapeito duma janela é, afinal, uma estela romana aproveitada (Gomes, 1985); que a coluna

daquele telheiro ostenta inscrição antiga Figura 1 e é uma ara romana (Gomes & Tavares, 1985);



Figura 1 – Altar romano utilizado como coluna. Fonte: Foto de Manuel Gomes.

que a pia de água benta da capela de Santo Amaro, em Fresta (Mangualde), resultou da reutilização de um altar funerário romano (Gomes & Tavares 1985a).

Enquanto, porém, as inscrições oficiais – os epitáfios, as placas de ex-votos, a identificação de edifícios... – obedecem a regras tanto no seu texto como na forma de as gravar, sendo, por isso, relativamente fáceis de decifrar e de integrar em determinado contexto histórico, esses letreiros dispersos pelos campos, em penedias ou em toscas pedras de valados, oferecem dúvidas de mui difícil superação. Compreende-se: eles resultam, habitualmente, da necessidade de marcar um limite, assinalar uma presença ou, até, de perpetuar um desabafo ou um sentimento.

O epigrafista é um historiador; ou seja, para ele decifrar o sentido de uma epígrafe constitui o primeiro passo – importante, sem dúvida, mas não suficiente – para fazer «falar» essa pedra. Tornou-se comum referir as «pedras que falam». É certo. Emissores são – e quem está com elas sintonizado para receber a emissão? E nesse parâmetro se incluem sempre duas componentes essenciais, como o são para todo o documento histórico: o espaço e o tempo. Onde está? Foi esse o seu local original? E porquê está aí? Quando é que tudo isso aconteceu e porquê?

Nessa ‘missão’ – perdoe-se-nos a ousadia do termo – de contribuirmos para que se dêem cada vez mais a conhecer os letreiros das nossas aldeias é que decidimos dar atenção aos testemunhos que vimos encontrando ou que chegam ao nosso conhecimento.

A maior parte das vezes, convenhamos, pouco ou nada conseguimos adiantar, justamente porque falta a conotação temporal. Objectar-se-á: o idioma e os termos usados não serão basto elucidativos? A comparação com outros não será esclarecedora? As respostas são, naturalmente, pela afirmativa. E quantos letreiros há em suposto latim que podem ser do século XX, do século XVI ou do XIX? E quem há aí que, num letreiro em recôndita penedia, escreva em português «de gente»? Uma escrita sem evidentes reflexos da oralidade? E que dizer da instrução ortográfica do gravador?

Lemos STEPHY TI AMO (Figura 2) numa parede da cidade italiana de Perúgia. Nenhum problema quanto à datação, porque quem, a letras vermelhas de paixão, pintou a declaração de amor, não hesitou em gravar também a data: 17-2-91. Como quem diz, num aviso, podemos nós adiantar com maldade: agora, amo-te; daqui a dias pode ser que não... Sim, mas quem é esse misterioso Stephy? Ele sabe que é ele; porventura alguns amigos ou amigas, ao corrente do encantamento, também; mas nós, os que, por

acidente, passámos por Perugia, em Maio de 1996, e fotografámos o letreiro? Fica-nos, apenas, essa mensagem perdida no tempo e nada mais sabemos...



Figura 2 - Grafito em Perugia. Fonte: Foto de José d'Encarnação

E, a propósito de datas, se poderá contar a história duma inesperada ida às Baamas, em Maio de 1989. Um grupo de ornitólogos ingleses, entusiastas da observação das aves, entrou numa gruta, para onde bonita ave se escapulira. E deram com estranho desenho de navio com a data de 1460 grafada ao lado (Figura 3).



Figura 3 – Desenho numa gruta das Baamas. Fonte: Foto de José d'Encarnação.

Pelo jeito, disseram, é embarcação portuguesa e, nessa remota ilha de Great Abaco, em 1460, só pode ser isso: antes de Colombo, já portugueses haviam aportado à América Central. Era, pois, necessário investigar a autenticidade do desenho! Não era autêntico, diga-se desde já. Ou melhor, autêntico era, mas não de 1460 ou 1450, porque a pátina recente e a gravação na parede de rocha sedimentar muito fácil de aceitar

gravações assim o determinou. Aliás, a bandeira que se indicara como sendo a das quinas não passava da bandeira inglesa! E o barco era... um iate de agora! (Encarnação, 1989). Perdeu-se, assim, a oportunidade de resgatar mais um feito histórico glorioso para a História Pátria. Aumentou, todavia, a importância da ciência epigráfica e das inscrições como relevantes fontes históricas.

E que dizer do que está gravado numa pedra deste muro (Figura 4), cuja localização, por negligência, não registámos?



Figura 4 – Inscrição enigmática. Fonte: Autor desconhecido.

Quem no-lo comunicou teve o cuidado de apresentar desenho (Figura 5). Olha-se; inverte-se a imagem na horizontal, não vá o escriba ter posto a legenda às avessas, à imitação de Leonardo da Vinci.



Figura 5 – Desenho da inscrição enigmática. Fonte: Autor desconhecido

Aquilo começa com Π, o pi grego, e o épsilon em cursivo? É grego? E grego em recôndita parede de uma aldeia perdida? E que cronologia se lhe pode dar? Certo, sabendo mais ou menos a data de construção da parede, poder-se-ia ir lá: o letreiro é da época ou posterior. Quanto ao significado, convocam-se as boas vontades!...

2. Um letreiro enigmático

A coluna que nos vai servir de exemplo mais acabado do que atrás se explanou foi oferecida, há alguns anos, ao sr. Ricardo Augusto Costa, antigo Presidente da Junta de Freguesia de Paredes da Beira e seu actual proprietário, que a guarda no jardim e a quem agradecemos as facilidades concedidas para o seu estudo. Dantes, estava numa loja que servia para arrumos, na Rua da Corredoura, perto da praça onde se situa o pelourinho e a igreja de Paredes da Beira (freguesia de Paredes da Beira, concelho de S. João da Pesqueira, distrito de Viseu). Desconhece-se o seu contexto original.

De granito de grão médio, com aproximadamente 80 cm de altura visível e 170 cm de perímetro na parte superior, a coluna ostenta uma inscrição que não a ocupa na totalidade, de letras bem vincadas, cuja altura varia entre os 5 e os 8 cm. A pedra teve utilização como peso de lagar, como o denunciam as reentrâncias nela feitas, habituais nesse tipo de peças, mas a inscrição é anterior a essa reutilização. Porventura, quem procedeu à abertura dos encaixes, não percebendo já o significado do que lá estava escrito, não se importou de cortar a direito, como lhe convinha para os objectivos em vista.

Certamente devido à manifesta dificuldade de compreensão do letreiro nela exarado, os arqueólogos a quem Ricardo Costa mostrou a coluna não manifestaram interesse em a estudar. Contudo, na monografia que publicou sobre Paredes da Beira, Sousa Pinto incluiu, na pág. 15, a fotografia da pedra com a seguinte legenda: «Pedra

romana com inscrições no quintal da casa de Ricardo Augusto Costa» (Figura 6). Nada mais acerca da epígrafe se encontrou.

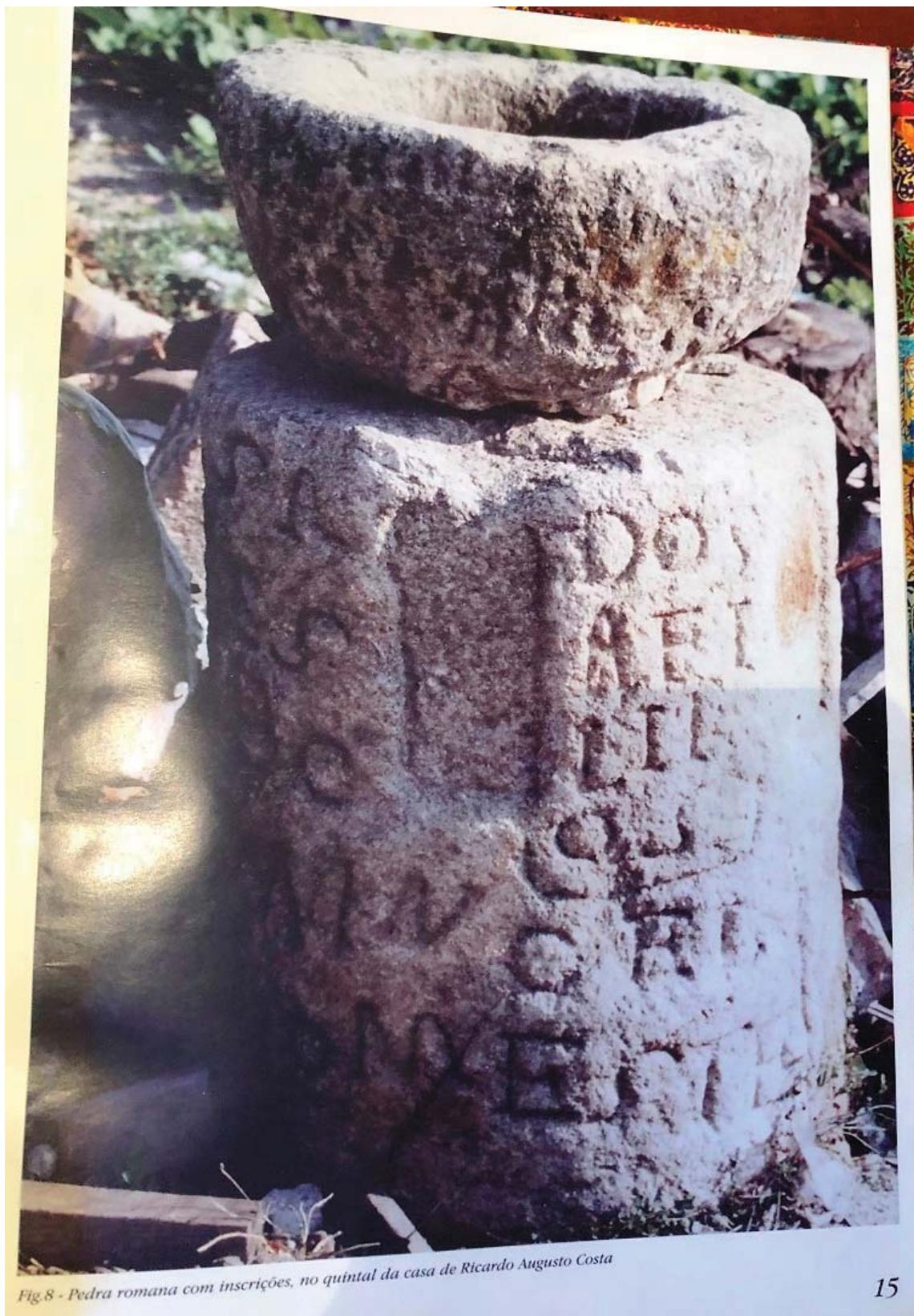


Figura 6 – O peso de lagar no livro de Sousa Pinto. Fonte: Foto de JCS

Analisemos, pois, o que se nos afigura ler, partindo do princípio, como atrás se disse, de que é posterior no peso o corte em cauda de andorinha para assentamento do apoio do fuso ligado à vara do lagar. Agrupámos as imagens duas a duas nas figuras 7 e 8, a fim de melhor se poder seguir a descrição.



Figura 7 – O letreiro do peso de lagar. Foto de JCS



Figura 8 – O letreiro do peso de lagar 2. Foto de JCS

Na linha 1: antes do rasgo, **S** bastante inclinado para diante; depois do rasgo, outro **S**, embora também se nos ocorra ler **DOS**.

Na l. 2: **OFES** [rasgo] **AE**. **E** com barra intermédia bastante mais curta; **S** também inclinado; a leitura do **A** afigura-se-nos não oferecer dúvida.

Na l. 3: **DEDEO** [rasgo] **LIZ**. O 2º **D** tem barra interior, a sugerir o nexo **DE**.

Do lado direito do rasgo há, sob **LIZ**, **OS** dentro de um rectângulo aberto superiormente, o que induz a pensar tratar-se de sinal de abreviatura, como aparece, por exemplo, nas inscrições funerárias quando se referem os herdeiros: **HERD^{OS}**. De facto, parece ser uma linha intermédia.

Na l. 4: **TOMANOEL**. Dá impressão de ter havido mesmo um acento agudo: **TÓ**.

Na l. 5: É tentador ler **JOAO**; contudo, entre **A** e **O** há um signo passível de se interpretar como 9. A hipótese de se ler aí uma data é igualmente tentadora, se **MESTEBE** gravado a seguir se desdobrar em **MES S(E)TE(M)B[R]E**.

O FES da l. 2 sugere «o fez», ou seja: se a l. 1 contém uma invocação ou as siglas dum proprietário, ter-se-á aqui o começo duma informação acerca de quem praticou («fez») determinado acto.

DEDO ou DEDEO será continuação de AE da l. 2; LIZ sugere de imediato FELIZ.

TÓ MANOEL (l. 4) será um dos intervenientes.

Em síntese:

S [rasgo] S (ou DOS) / O FES [rasgo] AE/DEDO (ou DEDEO) LIZ / TÓ
MANOEL^{OS} / JOAO [?] MESTEBE

O nosso desiderato: que a publicação da inscrição desta coluna reaproveitada como peso de lagar venha a suscitar – na sequência do que atrás se referiu – maior interesse por esses letreiros dispersos que toda a gente vê mas só a muito poucos despertam curiosidade e vontade de esclarecer.

3. Outros marcos

Temos dado a conhecer marcos desta região beirã, que, por estarem anepígrafos, são susceptíveis de remontarem à época romana, usados então para assinalarem circuitos, mas sem necessidade de letreiro (Santos & Encarnação 2020; Encarnação & Santos 2021). Vimos que o peso de lagar da Rua da Corredoura sugeriu a Sousa Pinto a identificação com miliário romano, que não é.

Essa sugestão também poderia ser dada pelos marcos que ladeiam a Capela do mártir São Sebastião (Figuras 9, 10 e 11).



Figura 9 – Capela do mártir São Sebastião. Fonte: Foto de JCS.



Figura 10 – Uma coluna. Fonte: Foto de JCS.



Figura 11 – Uma coluna. Fonte: Foto de JCS

Não é essa, porém, a nossa interpretação: embora uma delas, pela sua forma (a base), possa ter sido miliário romano, ainda que anepígrafo, terão sido aproveitadas quer para proteger os ângulos da capela quer para delimitar – como é de lei – o espaço pertencente à sua “fábrica”.

Bibliografia

- Encarnação, J. d' (1989). O mistério dos barcos desenhados nas ilhas Baamas. *O Século* (25 e 26 de Junho de 1989), 6.
- Encarnação, J. d' & Santos, J. C. (2021). Presumíveis miliários do itinerário romano Peso da Régua – Moimenta (*Arabriga?*) – Marialva (*Civitas Aravorum*). *Antrope*, 13, 82-111. <http://hdl.handle.net/10316/95793>
- Gomes, L. F. C. (1985). Duas estelas funerárias de Pinheiro de Tavares (*Conventus Scallabitanus*), *Ficheiro Epigráfico* 12, inscrição nº 52.
- Gomes, L. F. C. & Tavares, A. M. M. (1985). Ara votiva de Casais (*Conventus Scallabitanus*), *Ficheiro Epigráfico* 13, inscrição nº 55.
- Gomes, L. F. C. & Tavares, A. M. M. (1985a). «Ara funerária de Fresta (*Conventus Scallabitanus*), *Ficheiro Epigráfico* 13, inscrição nº 56.
- Pinto, J. L. de S. (1997). *Paredes da Beira – Uma Casa, uma Capela*. Carcavelos: Moinho Velho – Loja de Edições, Lda.
- Santos, J. C. & Encarnação, J. d' (2020). Colunas anepígrafas em Moimenta da Beira e Sernancelhe – Coluna em Paçô, Coluna em Cerca, Coluna em Charangões. *Ficheiro Epigráfico* 199, inscrições nºs 731, 732 e 733.

